

Paulo Marchon*

Garrafa ao mar

*Qualquer ideia que inevitavelmente leve
você a se imaginar falando a verdade ou
descobrimo a verdade é puro lixo.*
Wilfred Bion

*Representação imaginária particular da
morte mostra nosso isolamento enquanto
indivíduos vivos, longe de qualquer possibili-
dade de socorro, **enterrados vivos**. É a morte
como a temos quando estamos vivos.*
André Green

*Gostaria de retomar a questão da pulsão
de vida. Não se trata apenas de viver, mas
também de crescer e mudar. É por isto que
a compulsão à repetição vincula-se mais à
pulsão de morte.*
Hanna Segal

Laplanche e Pontalis (1967/1970), no *Vocabulário da Psicanálise*, concluem o conceito de *Reação Terapêutica Negativa*, dizendo que ele serve “para designar qualquer forma particularmente coriácea de resistência à mudança no tratamento” (p. 547). O estudo de cada caso tentaria apreender as motivações pessoais e ver, no conjunto, quais seriam as mais ativas naquele paciente ou que aspectos novos poderiam ser divisados no ser humano que tem esta maneira de se tratar e, assim, pede nossa ajuda, mas tornando-a muito restrita ou impossível. Estes pacientes talvez pudessem tornar-se nossa maior fonte de desenvolvimento, seja como analistas, seja como criadores na ciência psicanalítica. Por isso, lanço esta garrafa ao mar com a mensagem escrita por dois *enterrados vivos*:

Há cinco anos iniciamos a análise. Eu passei, com o tempo, a considerá-lo um “co-



The Theater of Disappearance, 2017
The Roof Garden Commission, Metropolitan Museum, New York
Cortesia do artista, Marian Goodman Gallery, New York / Paris /
London e Kurimanzutto, Ciudad de México
Fotografia: Jörg Baumann

riáceo”, agradável de tratar, irônico. Tinha 60 anos, sem filhos. Casou-se, separou e viveu com duas outras mulheres. Há mais de 30 anos, faz terapias individuais e grupais, com analistas de teorias, tendências e técnicas diversas. Não modificou nada neste tempo.

Há vários anos mora na casa da mãe, mantendo seu apartamento fechado, embora possua meios para morar sozinho. Manifesta grande hostilidade à genitora, chamando-a de “Dona Carla”. Atende aos poucos pedidos dela com visível má vontade, justificando-se: “Ela não me deu leite, nem leite, ao menos. Não sei como meu pai aguentou viver com ela até o fim da vida”. Mas quem estava vivendo com a mãe, aos 60 anos, lutando pelo seio dela, era ele.

Poucas vezes chegava na hora da sessão, quatro vezes por semana, 50 minutos. Diversas vezes, com um ou dois minutos antes de terminar ou quando já havia terminado. Não o atendo fora do tempo, algo que sempre ele conseguia com outros terapeutas. Frequentemente faz um comentário qualquer sobre a

sessão, depois de terminada. Eu não interpreto nesses momentos. Seria continuar a sessão. Gosta da análise, embora se irrite com algumas interpretações. Aponta os motivos mais variados para os atrasos: “O tráfego, estava dormindo, fui à cidade, ao dentista; mamãe me acordou, não consegui levantar etc...”

O dentista era amigo. O paciente teve uma relação amorosa com a mulher dele. O dentista soube e falou para amigos que iria matá-lo. O tempo passou e voltou ao odontólogo. No conjunto ele se expunha à morte ao se tratar, Dona Carla não lhe deu o seio, sexo com mulher do dentista, o atraso na vida e na análise, o temor de uma real análise comigo, trancado em seu mundo com a mãe, ameaçado de morte por mim, pelo pai.

Aposentou-se, deixando 600 processos para serem resolvidos pelos colegas. Assim pretendia aposentar-se de sua vida para que eu resolvesse seus processos de não viver. Acumulador de objetos e livros. Quase não havia lugar na cama para dormir no quarto

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, Sociedade Psicanalítica do Recife, Sociedade Psicanalítica de Fortaleza.

entulhado. Não tinha realmente amigos ou amigas. Conhecia algumas mulheres, que lhe prometiam concessões sexuais que não se realizavam, mesmo após ele haver pagado as compras ou lhes dado presentes. Era o que ele fazia comigo. Pagava e se satisfazia transformando-me num reles aproveitador. Dizia sempre: “Eu sou assim, Paulo”. Ou seja, você deseja e tem que me modificar, mas eu não quero e não vou me submeter a você.

Quando estava sendo atendido em uma agência bancária, passou a mão nas pernas da atendente. Olhava pelo buraco da fechadura do banheiro em casa alheia. Com estas demonstrações de sexualidade, tentava a execução pública. Provavelmente os pecados que teria de pagar: “Na análise, a gente vem para pagar pecados. Eu não sou uma pessoa que queime navios, como Cortés. Eu não consigo parar de ser explorado”. Ele procura se livrar da análise por ela ser para pagar pecados, um inferno de onde não haveria volta. Se fizer análise mesmo, terá que queimar navios e estará perdido para sempre no Inferno, culpado pela vida com Dona Carla, tomando o lugar do pai-dentista. Para se proteger, apenas irá perpassar pelo meu consultório e pagar as minhas compras. Ao sair, sorrindo, disse: “Eu queria saber se, para alguma pessoa que faz análise, isto pode ser um paraíso?”.

Como poderia responder ao paciente que, mesmo não sendo eu um “audaz Cortés” de Keats (1968), capaz de realizar a descoberta de um Novo Mundo nele e em mim, nós dois poderíamos conquistar algo importante, um lugar para desenvolver a capacidade de amar e ser amado e não apenas de passar a mão e aposentar-se da vida, vivendo com Dona Carla, não tendo realmente mãe e, por isto, também não sendo filho, enterrando-se vivo em um quarto?

Derrotou inúmeros analistas. Não continuamos a análise por motivos diversos, mas fica lançada a garrafa ao mar. Você, por certo, terá melhores soluções. Teria sido uma *ação terapêutica negativa ou uma reação?*

Sabemos que foi Balboa, e não Cortés o primeiro a ver o Pacífico, do Pico em Darien. Keats soube logo do fato, mas não corrigiu, “presumivelmente porque a precisão histó-

rica teria exigido uma sílaba extra indesejada no verso” (“On First Looking into Chapman’s Homer”, s.d.).

Presumivelmente também meu paciente aprendeu com Keats a ver “o olhar de águia” de Cortés e não o acontecimento histórico, o “olhar maravilhado” de Balboa quando se tornou o primeiro a ver o Oceano Pacífico. Em plena felicidade, Balboa parecia um bebê a divisar a mãe pela primeira vez.

Keats (1968) valorizava a Capacidade Negativa, de “permanecer no meio das incertezas, dos mistérios, das dúvidas, sem ser absorvido pelo desejo *irritable* de chegar a fatos e razões”. E, quatro linhas abaixo, ele acrescentou: “em um grande poeta, o senso da Beleza triunfa sobre qualquer outra consideração” (p. 48).

Na psicanálise, não temos, em relação aos dados emocionais, comprovações sobre o que interpretamos do tipo “foi Balboa, e não Cortés”, ou seja, esta interpretação é que é a verdadeira e não aquela. *Vivemos nas incertezas*, mas temos a Esperança de que você, Psicanalista Desconhecido, tenha melhor sorte e consiga conjugar a Beleza da sua interpretação a “um constante suprimento de verdade, tão essencial para a sobrevivência quanto o alimento é essencial para a sobrevivência física” (Bion, 1992/2000, p. 111). Desta forma seria possível alguma Justiça e Reconhecimento também a Balboa, mesmo em prosa tortuosa? Mas quem seria Balboa?

Referências

- Bion, W. (2000). *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1992)
- On First Looking into Chapman’s Homer (s.d.). In *Wikipedia*. Acessado em 25 de junho de 2017, em https://en.wikipedia.org/wiki/On_First_Looking_into_Chapman's_Homer.
- Keats, J. (1968). *Selected poems: poèmes choisis*. Paris: Aubier-Flammarion.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1970). *Vocabulário da Psicanálise*. Santos: Livraria Martins Fontes Editora. (Trabalho original publicado em 1967).